

Eros e o masoquismo erotopolítico

Eros é um conceito que, na obra de Freud, exige de nós, enquanto leitores, um trabalho apaixonante e ao mesmo tempo extenuante. Ainda que como proposta teórica seja central para a metapsicologia freudiana, não conta com um texto específico dedicado a ele. Eros aparece entre as tensões dos desenvolvimentos conceituais, as possibilidades abertas pela humildade epistêmica de Freud para mudar continuamente sua teoria e as alterações de ponto de vista que as licenças editoriais da época permitiam aos autores. É por isso que escrever sobre essa ideia na obra de Freud num artigo e assim, com comprometimento, não é algo fácil. Pela mesma razão, esse fundamento especulativo obteve múltiplas leituras nas diferentes psicanálises.

Em minha leitura de Eros através das *Obras completas*, percebi haver um período inicial em que Freud usa a palavra Eros sem conceitualizá-la (1895-1910), período esse em que ela era comum no léxico analítico (embora não se publicassem textos sobre o conceito como tal em psicanálise, ou pelo menos não exista registro disso na base de dados Psychoanalytic Electronic Publishing); depois, a partir de 1920, Freud faz um trabalho conceitual: em 1920 aborda o problema pulsional de Eros e seu vínculo erotopolítico, e daí em diante, até 1939, volta a esse mesmo tema e a Eros como programa cultural.

Assim, seguindo as *Obras completas* (com as que contamos em 2023), podemos dizer que Freud só se detém numa reflexão sobre o conceito em 1920, em *Além do princípio do prazer*. No entanto, como indicado, no léxico analítico, a palavra Eros vinha sendo comumente usada desde os tempos iniciais da psicanálise. Sua primeira aparição se deu em 1900. Então, o termo se equiparava com o que se entendeu por sexual em psicanálise.

O trabalho posterior, ou seja, a especulação conceitual propriamente dita, acontece no contexto de teorizações mais amplas. Eros não é tratado como conceito único, mas no âmbito da construção de todo um tecido conceitual que engloba a relação de Eros com outros conceitos. Esse trabalho – que chamo de posterior na obra de Freud, que apresenta Eros como pulsão e também como programa cultural, e que engloba o desenvolvimento teórico de Eros como conceito – aparece principalmente, de maneira especulativa e fragmentária, em *Além do princípio do prazer* (1920/1990b), *O eu e o id* (1923/1986b), “O problema econômico do masoquismo” (1924/1986a), *O mal-estar na civilização* (1930/1988a), *Moisés e o monoteísmo* (1939[1934-1938]/1989b) e *Compêndio de psicanálise* (1940[1938]/1989a). Dadas as limitações de espaço, neste artigo vou me centrar no período até 1920, para em outro momento contemplar a segunda parte de minha investigação.

É essencial levar em conta que o trabalho que começa a ser feito a partir de 1920 em *Além do princípio do prazer* é profundamente influenciado pelas ideias de Sabina Spielrein acerca de Eros e Tânatos, em *A destruição como origem do devir* (1912[1911]/2021). Freud a menciona em seu texto apenas numa nota de rodapé. Até o momento, não podemos afirmar o motivo exato

* Psicanalista.

de não ter dado o crédito a ela. O caso segue sendo investigado, o que já produziu interessantes hipóteses mediante o acompanhamento da vida e obra de Spielrein por parte de dedicadas pesquisadoras do tema (Caropreso, 2014; Sells, 2018; Sinclair, 2021). Por um lado, consideram a influência do desgaste no relacionamento entre Jung e Freud a partir de 1909, até o rompimento formal em 1913, e a possível relação de Spielrein com as transferências cruzadas; por outro, assinalam o fato de que a supressão geral da obra de Spielrein aconteceu colocando-a no lugar de “amante” de Jung, e não no papel principal de psicanalista e autora, que sempre teve. Mas Britton (2003), Carotenuto (1980), Jung (1943/1968) e Lothane (2003) afirmam ter sido ela quem propôs originalmente o conceito de pulsão de morte, e não Freud.

A contribuição de Spielrein é fundamental: um desenvolvimento teórico pleno e estruturante para a psicanálise em torno da tensa relação entre a morte e Eros. Se antes de 1920 Freud não tinha desenvolvido uma elaboração sobre Eros e sobre Eros em seu aspecto indissociavelmente mortífero, e se por algum motivo não deu espaço em *Além do princípio do prazer* para uma discussão mais ampla das ideias de Spielrein, parte da motivação deste artigo é rastrear, além das ideias de Freud, as de Spielrein, como se o texto dela fosse não apenas um importante antecedente para a obra de Freud, mas um cimento na arquitetura conceitual de Eros, num diálogo a ser aberto.

O legado da valiosa construção conceitual liminar de Eros em Freud – embora continuamente em elaboração –, assim como seu vínculo com uma grande variedade de conceitos e disciplinas, nos apresenta um desafio como leitores e como analistas, um desafio em nosso trabalho de leitura, especulação e elaboração de perguntas protossugeridas, e não necessariamente formuladas por completo, para a psicanálise, a prática analítica e suas fronteiras com o político.

É por isso que, neste artigo, me proponho também, de maneira liminar mas incisiva, a assinalar algumas das primeiras menções a Eros em Freud, desde o início de sua obra até 1910 (data em que deixou de citá-lo até 1920), elaborar a respeito do conceito de Eros de Sabina Spielrein e da destacada influência de sua perspectiva na ideia de Eros de Freud, bem como rastrear o desenvolvimento teórico de Eros durante o primeiro momento em que Freud o abordou como conceito (1920), para em outra ocasião considerar seu trabalho posterior e mais problemático.

Traços de Eros: O sexual e os perigos dos sentimentos eróticos (1895-1910)

Parece que, na obra de Freud, antes de 1920, há apenas traços, menções, brincadeiras com a palavra Eros, mas não ainda o início de uma reflexão

sobre o conceito como tal. No entanto, esses traços, menções e brincadeiras oferecem pistas para uma investigação aprofundada do significado de Eros em sua obra.

Num momento da psicanálise em que era preciso defendê-la de seus adversários, Freud retoma, em *A interpretação dos sonhos* (1900/1979), um postulado que tinha feito cinco anos antes, sobre a neurose de angústia derivar da vida sexual e da íntima conexão entre a angústia do neurótico e a angústia nos sonhos eróticos – postulado que lhe valeu algumas críticas (Breuer, 1893/2001). É assim que confronta os críticos, mencionando Eros:

[Em relação à credibilidade da psicanálise e desse postulado] as coisas mudam se usarmos o termo “sexual” no sentido, hoje corriqueiro na psicanálise, de “Eros”. Mas os adversários dificilmente tiveram em vista o interessante problema de se todos os sonhos são criados por forças pulsionais “libidinais” (em oposição a “destrutivas”).¹ (Freud, 1900/1979, p. 178)

Desse modo, Freud, além de interpelar a neurose dos que não querem prestar atenção ao que está se referindo como sexual, informa que Eros era um termo amplamente utilizado no meio psicanalítico, nascido havia tão pouco tempo. Por que não existiria um texto sobre o conceito (pelo menos, não que saibamos)? Seria porque o tema em si era o tema de resistência dos adversários?

Na mencionada passagem de *A interpretação dos sonhos*, Eros aparece como energia sexual – uma energia que, por ser “libidinal”, estaria em contraste com a “destrutiva”. Todavia, esse dualismo entre o libidinal e o destrutivo, na proposta metapsicológica de Freud, é abandonado pela aparição de um novo termo em sua obra em 1905: *masoquismo erógeno*. O dualismo entre pulsões sexuais e pulsões do eu também é abandonado por causa desse conceito, visto que o masoquismo erógeno, sendo fundante do narcisismo, introduz a impossibilidade de um eu dessexualizado.

Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/1992b), Freud sugere que Eros pode se manifestar eroticamente no que denomina pela primeira vez de masoquismo erógeno. Só depois (vou me aprofundar nisso mais adiante) compreendemos que esse mesmo masoquismo erógeno é a base sobre a qual o eu se forma (Freud, 1924/1986a), situação que se relaciona com a autoconservação.

Tal conceito, masoquismo erógeno, apresenta aos psicanalistas um desafio a ser enfrentado. Embora até esse momento Freud não defina o que é o mencionado masoquismo erógeno, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ele, sim, trabalha conceitualmente o masoquismo. Com base na leitura de Krafft-Ebing, Freud sugere que a mais comum das então chamadas perversões (da meta sexual heteronormalizada pela ciência) é a do desejo de infligir dor ao objeto sexual e de recebê-la. Pensa a descarga energética nos objetos como metas ativas ou passivas, respectivamente. No caso do masoquismo, trata-se de uma volta do sadismo contra si mesmo, em que o próprio corpo assume o lugar de objeto sexual.

Além disso, observa que nem o sadismo nem o masoquismo podem ser reduzidos à destrutividade, visto que fazem parte das manifestações eróticas, isto é, são manifestações de Eros. Desse modo, a introdução do masoquismo traz à luz a incongruência que seria pensar Eros como uma energia libidinal oposta à morte. A energia libidinal que se opõe à destrutiva, mencionada por Freud em *A interpretação dos sonhos*, mostra-se incongruente com algo do erotismo que é fundamental para a autoconservação: reinvestir o próprio corpo, tomá-lo como o próprio objeto sexual.

1. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 196 de: Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 4). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)

A lógica do masoquismo erógeno que começa a ser posta em andamento na obra de Freud protossugere que, diante dos sentimentos eróticos, é preciso uma mistura implícita da vida (Eros) com a destrutividade para se humanizar, e que a tendência da vida não necessariamente é equiparável à tendência ao prazer na descarga, mas que existem prazeres relacionados com uma descarga que é reinvestimento no próprio corpo tomado como objeto sexual. Tenhamos em mente, sem nos adiantarmos, que nesse momento Freud pensava o aparelho psíquico como um aparelho que funciona por uma tendência à descarga de energia libidinal (prazer) e em que a carga produz dor (desprazer).

Poucos anos depois, como outro tipo de traço, Freud (1907[1906]/1992a) faz uma referência silenciosa a Eros por meio de uma imagem: a água-forte de Félicien Rops *A tentação de santo Antônio*. Se contemplamos a pintura, vemos que Rops ilustra o santo assombrado, aproximando-se de uma cruz de onde pende, em vez de Jesus Cristo, uma mulher nua. Freud utiliza essa bela obra de arte para descrever o que acontece com o retorno do reprimido quando o que retorna são os “sentimentos eróticos”² (p. 29) de uma pessoa – no caso, os do monge. O que Freud não nos conta é que, se observamos a imagem, vemos também que o artista substituiu a sigla INRI na cruz pela inscrição EROS.

Assim, parece um antecedente interessante que Freud utilize a expressão *sentimentos eróticos* dessa maneira, ou seja, uma expressão que descreve algo do impacto do sexual, algo do âmbito da aparição. Eros, por outro lado, é um termo que fica no fundo, já está escrito.

Coincidência ou não, muitos anos depois Freud pensa Eros como força que está aí inscrita, de maneira atemporal e para sempre – força que mantém encadeado o corpo, cujos sentimentos eróticos e erotismo se tornam manifestos em seu retorno. Eros está, causa impacto. O erotismo é uma manifestação, uma significação erótica do sexual, uma modalidade de escrita pela qual o corpo se significa eroticamente na cultura.

Diante dessa modalidade de escrita, de modo curioso, em *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910/1994), Freud menciona Eros como força que conserva unida toda a vida e se pergunta como é que essa força se manifesta em Leonardo, se não aparece em figurações eróticas brutas. Conclui que a manifestação erótica é seu desejo de saber e que ela está sublimada em suas investigações científicas, assim como em expressões específicas que se mostram como peculiaridades por meio de suas pinturas.

Tendo se referido a algo no espectro dos sentimentos eróticos e do retorno do reprimido – ou, no caso de Da Vinci, de uma força que une a vida e do encaminhamento de Eros –, é interessante que Freud não

2. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 50 de: Freud, S. (2015). O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 8, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907[1906])

tenha empreendido uma elaboração teórica específica de Eros até Sabina Spielrein desenvolver algumas das ideias-chave que haviam ficado incompletas acerca do masoquismo, Eros e Tãatos. É igualmente interessante que, nas *Obras completas* de Freud, não se registre nenhuma menção a Eros de 1910 a 1920. Contudo, uma influência enorme, que teorizou esse tema, cruzou seu caminho entre essas datas: Sabina Spielrein.

Entre Spielrein e Freud

Com respeito a Eros e à específica articulação entre vida e morte, em *A destruição como origem do devir* (1912[1911]/2021), Sabina Spielrein apresenta com clareza uma proposta para iniciar a discussão sobre Eros e sua relação com a destrutividade. Esse texto é fundamental para a primeira articulação conceitual que Freud faz em *Além do princípio do prazer* (1920/1990b) em torno da pulsão de morte e de Eros, em mistura pulsional. É um mistério o que aconteceu na leitura que um fez do outro: Spielrein traduziu para o russo *Além do princípio do prazer*, com um extenso prólogo de Vigotski e Luria; Freud diz a Spielrein que leu o texto dela, mas é pouco claro o reconhecimento de Freud a ele, embora as ideias ali presentes tenham influenciado de maneira evidente sua perspectiva de Eros em *Além do princípio do prazer*, oito anos depois. O texto de Freud também torna mais complexo o entendimento de Eros como energia sexual que une, pois é a partir de 1920 que o autor equipara Eros com pulsão sexual, isto é, lhe confere o valor de uma força de trabalho que une, e acrescenta o conceito de pulsão de morte, muito influenciado pela obra de Spielrein; ele especula sobre uma renovada teoria pulsional que inclui Eros e Tãatos misturados, em que Eros já não é apenas uma força ou energia sexual, mas uma força de ligação que funciona em mistura com a morte em repetição.

Nesse texto, Freud menciona Spielrein apenas numa nota de rodapé. O momento em que faz isso e a maneira como o faz são peculiares. Embora haja analistas que, como observei antes, afirmem ter sido Spielrein quem falou pela primeira vez de pulsão de morte, e portanto quem propôs a noção renovadora da mistura de Eros com Tãatos, Freud não apresenta nenhuma nota citando-a em relação a Eros ou Tãatos. Em vez disso, inclui uma nota depois de mencionar a necessidade de revisitar o masoquismo originário como uma volta da pulsão sexual para o eu. De qualquer forma, atribuindo ou não a Spielrein o conceito de pulsão de morte, podemos pensar no papel central que o texto dela desempenha para Freud, visto que precisamente o masoquismo inclui o problema de considerar já não o modelo do prazer na descarga, mas um prazer no desprazer do reinvestimento acrescido, um prazer que leva o nome do título que Freud dá ao texto: *Além do princípio do prazer*. Na nota, Freud diz não ter entendido Sabina Spielrein de maneira cabal: “Num trabalho substancial e pleno de ideias, embora não inteiramente claro para mim, Sabina Spielrein antecipou boa parte dessa especulação. Ela caracteriza o componente sádico da pulsão sexual como ‘destrutivo’³ (p. 53).

Quanto ao que Freud e Spielrein poderiam ter discutido sobre o texto, sabemos que ela esteve em contato com ele em 1911 e apresentou esse trabalho para a Sociedade Psicanalítica de Viena, no Café Coop, diante de Rank, Tausk, Stekel, Federn, Sachs e Freud. De acordo com Angela Sells (Meikle, 2019), Freud pediu perdão a Spielrein por não ter respondido a sua carta a respeito do que aconteceu com Jung como analista e amante entre 1908 e 1909, e ela disse que ele deveria ter aceitado recebê-la pessoalmente.

A relação entre Spielrein e Freud se manteve cordial, a tal ponto que, em 1911, *A destruição como origem do devir*, por atender aos requisitos, lhe permitiu se tornar membro da Sociedade Psicanalítica de Viena por votação unânime. Parece então não ser um texto lido sem atenção (pelo

3. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 227 de: Freud, S. (2010). *Além do princípio do prazer*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

menos, é o que se esperaria) e sobre o qual seria estranho dizer que não foi inteiramente compreendido, uma vez que esse trabalho deu a ela acesso à Sociedade Psicanalítica como membro. Também sabemos que, numa carta de 20 de janeiro de 1913, Freud diz a Spielrein ter rompido em definitivo a amizade com Jung, e ainda a adverte que Federn estaria prestes a fazer uma crítica de seu trabalho *A destruição como origem do devir*. Estranhamente, Freud pede a Spielrein que o leia para ele com benevolência, em vez de pedir a Federn que o faça com ela. É curioso que isso aconteça dois anos depois de ela ter apresentado esse trabalho diante do próprio Federn. Então, a nota de Freud sobre “não entender” o texto de Spielrein parece influenciada por situações posteriores à reunião de 1911 e ao menos por uma conversa entre Freud e Federn que desconhecemos.

Por algum motivo, dadas as relações humanas no contexto patriarcal do mundo da época, a influência ficou de certa maneira relegada à margem. Ainda assim, podemos utilizar isso como possibilidade de um trabalho generativo entre os textos, uma vez que até agora não conhecemos os diálogos que aconteceram.

Uma leitura do trabalho de Sabina Spielrein sobre Eros

Em *A destruição como origem do devir* (1912[1911]/2021), Spielrein desenvolve, entre outras, várias ideias sobre Eros, que abordam aspectos relevantes acerca da elaboração – até então incompleta na psicanálise – do conceito de Eros, e também de sua articulação com a morte e o masoquismo inerente aos seres humanos. Desmonta a noção de um Eros plenamente contraposto à morte. Para ela, a própria vida busca um retorno à origem. De modo interessante, trabalha o conceito em dois planos: no nível biológico e no nível da representação. Além disso, ressalta a importância que vida e morte adquirem no plano representacional, em suas vias eróticas, e enfatiza as contradições que existem no destino erótico.

Spielrein cita Wilhelm Stekel (1911/1954), que propõe a relação entre vida e morte num plano indiferenciado. Na citação, a diferenciação de vida e morte aparece como criada apenas pelo mecanismo de negação, sugerindo que em algum plano psíquico tanto as representações de vida e morte quanto o impulso a estas formam um indelével:

Exatamente como o sonho desconhece uma negação de maneira geral, ele também desconhece uma negação da vida. Morrer significa no sonho o mesmo que viver, e justamente o mais intenso desejo de viver se expressa frequentemente na forma de um desejo de morte.⁴ (p. 312)

A partir dessa ideia, Spielrein considera que, se a linguagem dos sonhos tem um desejo de morte indissociável de Eros (vida), existe um

4. N. do T.: tradução de R. D. Mundt. A tradução da citação está em: Spielrein, S. (2021). *A destruição como origem do devir*. Em S. Spielrein, *Obras completas* (vol. 1). Blucher. <https://amzn.to/41rtRVA> (Trabalho original publicado em 1912[1911])

temor ao destino erótico (viver-morrer), que por sua vez é parte do erotismo e do prazer como tal. É então que propõe desmontar a ideia de que as representações de morte se contrapõem plenamente às sexuais e destaca as contradições existentes no destino erótico. Não pensa isso como uma entelêquia conceitual, separada da vida comum do neurótico, mas retoma exemplos frequentes que acontecem na vida erótica. Fala da entrega de uma mulher à paixão como algo que se liga por completo à destruição. Observa também que alguém pode sentir que traz o inimigo dentro de si quando, após uma relação sexual, se depara precisamente com a finitude, com a morte. Assim, diz que as fantasias de morte, com frequência, acompanham o desejo sexual como tal. Isto é, no plano da significação de Eros, o erotismo se desdobra num movimento em que a busca de vida também é mortífera.

Seu modelo não se detém aí. Ela afirma ainda que Eros busca a morte como fato biológico, porque na unidade de cada célula, quando uma nova vida é criada, algo morre. No nível da representação, as representações da vida e da morte são uma alegoria da maneira como a própria biologia indica esse laço estreito. Segundo a autora, a partir do biológico, a relação sexual implica, na fusão das células sexuais, o ápice da destruição e da vida ao mesmo tempo. Para ela, o fato biológico de que, em cada célula, em face do novo, algo velho sempre se destrói pode ser extrapolado para o aparelho psíquico e o aparelho social. Eros destrói para criar. Mas Spielrein também diz que, uma vez que se deseja, quando se deseja criar é igualmente para destruir algo de si mesmo.

A essa busca de fusão de Eros, a autora confere um anseio de retorno a um estado pré-orgânico, uma fusão com algo que transforme o ser em sua própria origem. Tal modelo pensa esse processo como parte do funcionamento inconsciente, pois no inconsciente tudo se confunde com um original. Os destinos eróticos, por sua vez, se deparam com a contradição (o que Spielrein vê como componente da vida), visto que a uma parte do eu interessa esse estado de retorno, enquanto à outra interessa a autopreservação. A autora assinala aí o masoquismo originário, nessa busca masoquista do eu por retornar ao mesmo, e a descreve como busca que é prazerosa, que é produzida por Eros, sendo ao mesmo tempo mortífera. Afirma que a busca desse retorno acontece porque reconhecer o familiar causa prazer, inclusive a ponto de repetir a história de gerações anteriores, e que só na fusão com o que parece um ponto de origem se dá a possibilidade de renovação. Ou seja, nessa busca masoquista procura-se o familiar para que as partículas do eu se dissolvam, mas o neurótico tem pânico de se dissolver.

Numa leitura de Nietzsche, Spielrein observa que vontade de viver é também vontade de morrer. Além disso, toma emprestado dele sua noção de alegoria e converte o erotismo numa espécie de teoria narrativa, pois explica que toda história é uma alegoria em que a afetividade está deslocada, que se salta de uma para outra e que em sua criação outras são destruídas, enquanto se busca o eterno retorno a um estado original. Assim, Spielrein é quem introduz na psicanálise não apenas a noção de pulsão de morte, e associada a Eros, mas também a de repetição.

Com ela, podemos dizer que a manifestação erótica de Eros é produzida por um deslocamento narrativo, um roteiro a partir da alegoria e do afeto deslocado. Sua noção de aparelho psíquico é então a de um aparelho de escrita afetivo modulado por esse Eros que é vida, mas uma vida que não acontece sem morte e uma vida que acontece numa contínua repetição alegórica.

Algumas dessas ideias reaparecem transformadas no texto de Freud de 1920: o conceito de pulsão de morte, Eros como força que liga inclusive em nível celular, a tendência mortífera de retorno ao estado inorgânico (ideia parecida com a de Spielrein de retorno ao estado pré-orgânico), a compulsão à repetição, o masoquismo como inerente ao corpo erógeno, a contradição entre as aspirações do eu consciente e o inconsciente, a autopreservação e seu vínculo com o masoquismo erógeno, e a noção da pulsão de vida como indissociável da morte.

Uma leitura do Eros de Freud em 1920: Sua construção erotopolítica

É a partir de Além do princípio do prazer (Freud, 1920/1990b) que Eros – que aparecia somente como palavra relacionada a uma força de vida e da qual podíamos deduzir seu significado como o sexual, a vida em si ou uma força que tudo une – aparece como conceito equivalente a pulsões de vida – que incluem, daí em diante, as sexuais e as de autoconservação – opostas à pulsão de morte, que tende a desligar. Apesar de sua oposição, Eros trabalha misturado com a pulsão de morte (Tãtatos), a menos que esteja numa luta cabal contra a morte no id, na qual tenta ligar representações e traços da memória, mas a morte sempre impera em sua função de desligar (Freud, 1923/1986b).

Depois de 1920, sadismo e masoquismo adquirem um lugar renovado na teorização freudiana. A autoconservação é posta em andamento por meio do masoquismo erógeno (que funda o eu-corpo e o inscreve na cultura), sendo sua fonte uma sádica/destrutiva voltada para si. Nesse sentido, podemos dizer que Eros misturado com Tãtatos é fundacional daquele que fica sujeitado à cultura.

Ao mesmo tempo, Freud explica que a libido coincide com o Eros dos filósofos e poetas; assim, não se reduz à romantização de uma força de vida que inclui os valores morais atribuídos a ela pelas forças conservadoras de uma cultura. No entanto, quando Eros se liga com os efeitos de sua repressão, produz como substituto a tendência ao aperfeiçoamento, que engloba tais valores morais. Dessa maneira, quando se fala desse Eros que se liga com os efeitos de sua repressão, podemos deduzir que, por serem efeitos de repressão na ligação, se está falando de significação. No caso do aperfeiçoamento, trata-se de uma significação erótica específica, de um filtro já dominado e domesticado que tem efeitos. Seguindo o passo lógico que dou agora, os efeitos da repressão encaminham ou podem encaminhar o Eros a certo erotismo por vias específicas de significação.

Antes de Além do princípio do prazer, Freud pensava a pulsão sexual submetida ao princípio do prazer, à descarga, mas é a partir desse texto que a inscreve no princípio da realidade. É só a morte em seu estado puro que tende à descarga imediata, visto que a pulsão de morte pretende a não ligação de representações e, por isso, não investe. Assim, não só o adiamento desempenha uma função em que a descarga não necessariamente acontece em direção a um objeto sexual de maneira imediata, mas além disso o próprio corpo pode ser tomado como objeto da descarga. Embora essa noção já tivesse sido descrita por Freud no “Projeto para uma psicologia científica” (1950[1895]/1988b), quando pensa o reinvestimento na imagem do seio perdido, ou nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/1992b), ao introduzir o termo masoquismo erógeno, não é senão nesse texto de 1920 que a ideia se desenvolve mais plenamente, ligada a um Eros pensado como pulsão

de vida, que está misturado com a pulsão de morte e que, em repetição, procura um contínuo retorno a um estado inorgânico por meio de um caminho circular.

Assim, a manifestação visível, audível, acessível da pulsão de morte é a repetição, e em sua mistura com Eros, uma vez que investe ao menos um objeto sexual, que há de se repetir. Claro, a repetição pode se mostrar mais ou menos diferente na medida em que variem as ligações, ou seja, os caminhos tomados pela energia psíquica nos processos de significação erótica.

Esse Eros, que a partir de 1920 é conceituado plenamente como força que tende a ligar, a manter vivas unidades orgânicas (inclusive células do soma, como pensa Spielrein), autoconserva ao mesmo tempo que previne a descarga ao reinvestir na própria memória, aparelho psíquico, corpo.

Embora o texto de Freud designe Eros como força que dá coesão ao mundo, pode-se dizer que suas ideias sugerem que, na versão autoconservadora, ele dá coesão ao próprio corpo. O postulado acrescenta a dimensão de um Eros associado ao narcisismo, ao aspecto de catexizar o próprio corpo e a maneira como representamos o mundo e nos vinculamos a ele a partir do narcisismo.

A respeito dessa volta para si mesmo (catexizar o próprio corpo), Freud aborda de uma nova maneira o masoquismo como prazer agregado a uma força de volta, apesar de ser desprazerosa, no sentido de que reinveste o corpo de energia. Uma busca repetitiva que produz um excesso. E, no entanto, esse masoquismo (que é erógeno) é o que protege do sadismo. Por exemplo, no texto de Freud, o jogo repetitivo de seu neto – sendo uma criança – com um carretel é o que lhe oferece uma imagem própria de seu corpo de criança e do corpo dos outros. É isso o que faz, em vez de lhe oferecer o prazer de se lançar literalmente no seio/mãe/pai que foi para a guerra, do qual gostaria de se desfazer por ter ido embora. E ainda assim Eros tem uma fonte sádica em sua manifestação autoconservadora.

Muitos anos depois, em *Compêndio de psicanálise* (1940[1938]/1989a), Freud especifica como o masoquismo – tanto o erógeno como na fundação do supereu – é um perigo que o ser humano assume para si em seu caminho de desenvolvimento cultural. Não há modo de subsistência nem de inscrição cultural senão dirigindo essa destrutividade para si mesmo, porque Eros, em seu dilema entre preservar o outro ou preservar a si, se mistura com a pulsão destrutiva, e esta se reverte sobre si. Com isso, uma parte de destruição permanece no interior, e segue por vias em circuito até que a vida do organismo cesse.

Podemos inferir que, em Freud, a morte do organismo humano é uma morte entendida como provocada pela pulsão de morte, e não um acontecimento. Trata-se da tendência do organismo a morrer pela própria destruição que permanece no interior, no esforço repetitivo e gasto de Eros de se autoconservar.

Da mesma forma, o fato de Freud assinalar que é um perigo assumido no desenvolvimento para o caminho cultural abona a ideia de que Eros, em sua mistura mortífera, formata uma modalidade de erotismo que se inscreve em repetição nas tendências destrutivas da cultura. Dito de outro modo, a contínua armação do corpo erógeno é a de um corpo historicamente limitado por sua memória num formato discursivo/cultural.

No que diz respeito ao sadismo, a pulsão de morte é expelida como sadismo se e tão somente se for para conservar a vida, e se ceder a entregar o outro e proteger-se de seu sadismo for para conservar o outro. Com essa ideia e com sua curiosa atitude de detetive, Freud nos pergunta de maneira retórica em *Além do princípio do prazer* (1920/1990b):



View of the exhibition "Les fantômes d'Orsay" at Musée D'Orsay Paris (France), 2022.

©CALLE/ADAGP, Paris, 2023.

Mas como pode a pulsão sádica, que visa a ferir o objeto, ser derivada do Eros conservador da vida? Não cabe supor que esse sadismo é na verdade uma pulsão de morte que foi empurrada do eu pela influência da libido narcísica, de modo que surge apenas em relação ao objeto⁵ (p. 52)

Assim, Freud abre o problema da insuperabilidade da destrutividade.

Mas isso sugere que, no caso do masoquismo erógeno, a pessoa, na tentativa de conservar a si mesma, salva o outro (morrendo devagar no adiamento), enquanto no sadismo, na tentativa de conservar a si mesma, prejudica o outro (estando mais perto da morte propriamente dita na descarga).

Uma vez que trabalhemos com algo do otimismo de Eros diante das versões mortíferas em discussão, com algo de sua versão masoquista ou ao menos com algo de humor, sigamos com essa exploração até as últimas consequências.

O fato de que o masoquismo erógeno na mistura de Eros pudesse produzir (ou não) uma versão menos terrorífica (como se isso pudesse ser uma escolha consciente, quando evidentemente não é) diante da possibilidade de insuperabilidade da destrutividade não nos dispensa de considerar as consequências mortíferas que se inscrever na cultura por esse caminho implica. Freud diz ainda que as manifestações desses caminhos são sempre historicamente condicionadas: seriam “tendências – intrínsecas à substância viva – à restauração de um estado anterior, ou seja, tendências historicamente condicionadas, de natureza conservadora, e como que expressão de uma inércia ou elasticidade do orgânico”⁶ (1923[1922]/1990a, p. 254).

A articulação psicopolítica de Freud seguindo todo o percurso de Eros é ainda mais incrível que essa última citação, pois fala de um corpo sujeitado à cultura, não só como se se tratasse de um ser domesticado, afetado ou educado por um regulamento ou uma história (ideia que alguns psicanalistas sustentam e que os faz pensar que a psicanálise não tem nada a ver com o político); ele apresenta todos os elementos para que se perceba o principal: o processo de corporificação da e na cultura é um processo erótico!

O erotismo do corpo sujeitado à cultura não deixa de ser manifestação de um Eros misturado com a mortífera memória cultural. E esse

5. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 225 de: Freud, S. (2010). *Além do princípio do prazer*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

6. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está nas pp. 307-308 de: Freud, S. (2010). *Psicanálise e Teoria da libido*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 15, pp. 273-308). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

erotismo, o masoquismo erotopolítico, já está impedido pela insuperabilidade da destruição, que também é cultural.

Embora Freud seja claro para esse momento de sua articulação erotopolítica, ele não foi suficientemente crítico com a cultura nem ao se referir a Eros e às possibilidades de sua significação erótica como agente de mudança.

Por exemplo, em *O mal-estar na civilização* (1930/1988a), Freud afirma que Eros e Ananke são os pais da cultura humana. Ananke, dando a compulsão ao trabalho, e Eros, “o poder do amor, que no caso do homem não dispensava o objeto sexual, a mulher, e no caso da mulher não dispensava o que saíra dela mesma, a criança”⁷ (p. 99), como se Eros estivesse necessariamente interessado pelo intercâmbio de mulheres, a família e o Estado.

Um toque de dignidade, porque podemos ser masoquistas por nossa erogeneidade, mas não é para tanto a perda da imaginação de outra coisa possível!

Para continuar com o desenvolvimento de Eros, que Freud entendeu como programa cultural, e de suas implicações eróticas, mais espaço se faz necessário.

Resumo

A autora pretende traçar o percurso do conceito de Eros na obra de Sigmund Freud: por um lado, de maneira especulativa em menções preliminares; por outro, a partir de sua aparição como conceito em 1920, em *Além do princípio do prazer*. Revisa a influência de Wilhelm Stekel e Sabina Spielrein no aumento da complexidade da teoria pulsional e suas consequências para pensar a insuperabilidade da destruição.

Palavras-chave: *Eros; Erotismo; Freud, Sigmund; Masoquismo erógeno; Narcisismo; Eu corporal.*

Abstract

This article aims to review the concept of Eros in Sigmund Freud's work. On the one hand, in a speculative way, it aims to do so in its preliminary mentions and on the other, from the beginning of its appearance as a concept from 1920 in *Beyond the Pleasure Principle*. The text reviews the influence that Wilhelm Stekel and Sabina Spielrein had in the complexification of the theory of the drives and its consequences for thinking about the insurmountability of destruction.

Keywords: *Eros; Erotism; Freud, Sigmund; Erogenous masochism; Narcissism; Body Ego*

Referências

- Breuer, J. (2001). Theoretical from studies on hysteria. Em S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, trad., vol. 2, pp. 183-251). Vintage. (Trabalho original publicado em 1893)
- Britton, R. (2003). *Sex, death and the superego: experiences in psychoanalysis*. Karnac.
- Caropreso, F. (2014). La introducción de la hipótesis del “instinto de muerte”. *Revista de Historia de la Psicología*, 35(2), 5-24.
- Carotenuto, A. (1980). *A secret symmetry: Sabina Spielrein between Jung and Freud*. Pantheon.
- Freud, S. (1979). La interpretación de los sueños. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 4). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1986a). El problema económico del masoquismo. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 19, pp. 161-176). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924)

- Freud, S. (1986b). El yo y el ello. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 19, pp. 1-66). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1988a). El malestar en la cultura. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 21, pp. 57-140). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1988b). Proyecto de psicología. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 1, pp. 323-446). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud, S. (1989a). Esquema del psicoanálisis. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 23, pp. 133-210). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. (1989b). Moisés y la religión monoteísta. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 23, pp. 1-132). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939[1934-1938])
- Freud, S. (1990a). Dos artículos de enciclopedia: “Psicoanálisis” y “Teoría de la libido”. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 18, pp. 227-254). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923[1922])
- Freud, S. (1990b). Más allá del principio de placer. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 18, pp. 1-62). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1992a). El delirio y los sueños en la “Gradiva” de W. Jensen. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 9, pp. 1-80). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1907[1906])
- Freud, S. (1992b). Tres ensayos de teoría sexual. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 7, pp. 109-224). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1994). Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 11, pp. 53-128). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1910)
- Jung, C. G. (1968). On the psychology of the unconscious. En C. G. Jung, *The collected works of C. G. Jung* (vol. 7). Princeton University. (Trabalho original publicado em 1943)
- Lothane, Z. (2003). *Sabina Spielrein: forgotten pioneer of psychoanalysis*. Brunner-Routledge.
- Meikle, O. (apresentadora). (2019, 26 de agosto). Sabina Spielrein: revolutionary psychoanalyst (n. 40) [episódio de *podcast*]. Em *What'sHerName*. <https://bit.ly/3Aiz6uZ>
- Sells, A. (2018). *Sabina Spielrein: the woman and the myth*. State University of New York.
- Sinclair, V. (apresentadora). (2021, 8 de setembro). Klara Naszkowska, cultural historian and director of the International Association for Spielrein Studies (n. 107) [episódio de *podcast*]. Em *Rendering unconscious*. <https://bit.ly/3N8FYmk>
- Spielrein, S. (2021). *La destrucción como origen del devenir*. Unam. (Trabalho original publicado em 1912[1911])
- Stekel, W. (1954). *El lenguaje de los sueños: exposición del simbolismo y de la interpretación de los sueños en sus relaciones con el alma enferma y sana*. Iman. (Trabalho original publicado em 1911)

Recebido: 30/1/2023 – Aprovado: 26/3/2023

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

7. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 63 de: Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 18, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)